

## SENSIBILIDADES E PRÁTICAS ESCOLARES EM CAMPINA GRANDE-PB

Regina Coelli Gomes Nascimento (tutora PET História UFCG)

Este trabalho é resultado de pesquisas realizadas no projeto “*CARTOGRAFIA DAS PRÁTICAS E SABERES DISCIPLINARES EM CAMPINA GRANDE- PARAÍBA (1900-1930)*”, cuja finalidade é investigar a construção do corpo educado e disciplinado de crianças e jovens na cidade de Campina Grande – Paraíba, no período compreendido entre 1900 a 1930. Neste artigo, analisamos práticas e saberes escolares publicados na Revista *Evolução*, em 1931, buscando perceber as novas sensibilidades que circulavam na cidade divulgando discursos sobre a necessidade de um corpo disciplinado e escolarizado. Estabelecemos o recorte temporal tendo por base dois marcos: o primeiro, no final do século XIX período em que vários espaços educacionais surgem instituindo novas formas para pensar a educação na cidade. Data deste período a criação da primeira escola de cadeira mista em 1894 e, posteriormente, a fundação de outros colégios, a exemplo do *Colégio 15 de Novembro* criado em 1905, *Colégio – Instituto Spencer*, que funcionou entre os anos 1915 e 1917, do *Instituto Pedagógico*, fundado pelo tenente Alfredo Dantas e o *Instituto São Sebastião*, fundado em 1920, pelo professor e poeta Anézio Leão. (CÂMARA, 1947, p. 89 – 93)

E o segundo marco temporal na década de 1930 quando o modelo de educação na cidade passa por mudanças a partir das inaugurações dos colégios particulares ligados a ordens religiosas no município. A primeira escola fundada foi o *Colégio Imaculada Conceição* (Colégio das Damas, com ensino exclusivamente para mulheres) no mês de março de 1931 e um mês depois é inaugurado, pelo vigário José Delgado o *Colégio Diocesano Pio XI*, na Igreja Matriz (hoje Catedral). Em 1932, o educandário foi transferido para um prédio na Rua João Pessoa. (CAMARA, 1947, p. 87-93). A respeito das mudanças ocorridas na cidade nesse período GAUDÊNCIO informa que:

A característica predominante das mudanças dos ensinamentos das antigas escolas do início do século, para as novas escolas nascentes no início da década de 1930 foi à adequação do ensino profissionalizante e comercial em seus currículos. Tanto o Pio XI como o Alfredo Dantas se notabilizaram durante algumas décadas pela criação de cursos de contabilidade e outros cursos técnicos. Essa opção se adequou a um modelo criado no governo de Getúlio Vargas, preocupado com um ensino mais pragmático. (GAUDÊNCIO, 2008. p.08)

As mudanças que estavam ocorrendo na cidade no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX demonstram um movimento direcionado para disciplinar não apenas as relações pessoais, comerciais e sociais, mas também os espaços educacionais. Buscava-se atender um discurso que disciplinar para o corpo, a mente e as emoções dos campinenses, tendo em vista tornar o homem adaptado à sociedade moderna.

Para cumprir as determinações presentes nas narrativas educacionais do Governo Federal os responsáveis pela educação do Estado e nas cidades da Paraíba, após a Proclamação da República, passam a emitir um discurso centrado na disciplinarização dos estudantes para adequá-los as mudanças pelas quais a sociedade brasileira estava passando no período denominado de Primeira República.

A educação no país estava na ordem do dia e era urgente a participação de todos. Assim, a escola passa a ser pensada a partir de múltiplos olhares, o estado passa a investir na construção de escolas arejadas, ventiladas, ambientes mais claros, onde a luz do sol e o vento pudessem ter acesso livre para possibilitar a educação do corpo, nas aulas de Educação Cívica, Educação Física, dentre outras. A formação do homem integral passa a ser alvo de discursos que regulavam o comportamento dos indivíduos que estavam envolvidos no processo educacional.

Nesse período, Campina Grande destacava-se das demais cidades paraibanas como espaço propício para centralizar o comércio do interior, condições que haviam sido construídas ao longo do seu surgimento e desenvolvimento. Provavelmente em função de sua posição geográfica, localizada entre o litoral e o sertão, transformando-se em ponto de encontro entre tropeiros e boiadeiros<sup>2</sup> que se deslocam do interior para o litoral; surgindo desses encontros a feira, que projetou a cidade a nível regional.

Com a ascensão da economia algodoeira, as funções da cidade foram ampliadas e dinamizadas, transformando-a no maior centro de abastecimento das demais cidades do interior da Paraíba. Nesse período é visível a interferência do estado moderno na vida pública e privada da população através do estabelecimento de normas que visavam adaptá-la as novas demandas sociais, como por exemplo: a cobrança de impostos, a higienização, a urbanização, o controle de doenças, o combate ao “banditismo”, a construção de escolas dentre outras medidas. (NASCIMENTO, 1997)

Essas mudanças, paulatinamente foram rompendo com os antigos valores e costumes, com o pressuposto de alcançar a “ordem e a paz social”. Esse discurso passa a interferir no

cotidiano da população através de diversas práticas, dentre elas destacamos o investimento no corpo familiar, especialmente, na disciplinarização de crianças e jovens para adaptá-las aos discursos cívicos, patrióticos, militaristas e pedagógicos que vigoravam na época. Os grupos que dirigiam a economia e a política local passam a difundir discursos direcionados para empreender mudanças na educação dos moradores da cidade. E, nesse momento, vamos observar a substituição das cadeiras isoladas por grupos escolares que passam a embelezar a cidade e reafirmar o interesse na formação de cidadãos civilizados, e o que nos informa Pinheiro:

Foi precisamente, neste contexto que surgiu o grupo escolar, forma de organização escolar mais complexa, que viria atender as necessidades impostas pelas mudanças que estavam se processando na sociedade brasileira e paraibana. Teve como objetivo último formar novos homens e mulheres – os cidadãos. (PINHEIRO, 2002, P. 133)

Nesta percepção, as mudanças que estavam ocorrendo na cidade e no país também provocavam mudanças na educação. Era outro momento histórico no qual necessitava-se “formar” e “disciplinar” o corpo estudantil para atender os interesses da República. O divulgado na época passa a influenciar na disciplinarização das relações pessoais, comerciais, sociais e educacionais – a educação era uma aliada para “moldar” os sujeitos de acordo com os valores que a modernização estava impondo. O discurso Republicano de ordem e progresso passou a influenciar o comportamento dos sujeitos com o intuito de adaptá-los à sociedade moderna e aos novos padrões de comportamento impostos a população.

Um exemplo deste parâmetro educacional pode ser observado a partir da criação do Instituto Pedagógico Campinense, fundado em 17 de fevereiro de 1919, na Rua Barão do Abiaí, Campina Grande - PB, primeiramente oferecendo o ensino primário e secundário para ambos os sexos, composto de duas cadeiras regidas pelos fundadores do Instituto, a cadeira masculina pelo tenente Alfredo Dantas Correia de Góes e a cadeira feminina pela professora normalista Ester de Azevedo. Em 1924, o Instituto muda-se para um novo prédio, na mesma rua – Barão do Abiaí - sendo adaptadas as condições higiênicas e pedagógicas em vigor na época.

O novo prédio oferecia espaços para circulação dos estudantes, professores, funcionários e a prática de exercícios, conforme a disciplina dos militares-professores, disciplinando os corpos, rompendo com os antigos valores e costumes. A arquitetura escolar vai projetar espaços que permitiam a disciplinarização dos corpos por entender sua dimensão

educativa. Os prédios construídos ou adaptados para serem institutos ou grupos escolares se tornaram parte do novo ordenamento urbano, alterando a paisagem citadina permitindo a construção de mensagens de sentidos múltiplos – signos técnico, artísticos, culturais e sociais – não deixando de lado os sujeitos a quem se destinavam, o espaço assume uma função educativa. (FRAGO, 2011).

Os diretores do Instituto Pedagógico Campinense ao construírem o novo prédio privilegiam seguir uma arquitetura em que privilegiava a higiene, a ordem, a circulação de pessoas, a prática de novos cursos e de exercícios, a ventilação com portas e janelas largas favorecendo a circulação de ar é o que percebemos na fachada do Instituto Pedagógico Campinense :



Instituto Pedagógico Campinense  
Revista Evolução – Numero 01, setembro de 1931, pág. 07

O instituto ao ocupar uma das ruas centrais da cidade passa a fazer parte do novo ordenamento urbano. Embora a cidade não oferecesse aos moradores infraestrutura básica

uma vez que o espaço era ocupado de forma desordenada, distante dos padrões urbanísticos em curso nos grandes centros urbanos. Entretanto, a fachada demonstra as preocupações dos diretores em construir um prédio de acordo com o planejamento urbanístico moderno, distanciando-se dos modelos de escolas isoladas que permaneciam funcionando na cidade, distantes dos novos padrões higiênico-pedagógico.

A arquitetura escolar enquanto um programa que educa, estabelece discursos “que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância, marcos para a aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos.” (ESCOLANO: 2001, p. 26).

O instituto no novo prédio passa a oferecer espaços especializados a partir da separação das salas de aulas, com seus corredores, pátios e disposição regular das carteiras que passaram a interferir na rotina das tarefas escolares e na economia do tempo. Essa alteração na arquitetura escolar organiza os movimentos e os gestos dos sujeitos que circulam nesse espaço.

No ano 1931, os editores da Revista Evolução, publicação do Instituto Pedagógico Campinense, apresentam a formação do diretor, ressaltando sua formação, justificando seus interesses educacionais e práticas:

O diretor do Pedagógico formou o seu espírito num ambiente de disciplina e de bravura. Aluno da Escola Militar, ao tempo em que Marechal de Ferro consolidava a República, era ele da guarda juvenil dos cadetes que formavam o cordão sanitário em torno do Marechal, para salvar a jovem República. Firmeza, lealdade, decisão, pontualidade, - eis o traço vivo da vida do galvanizador republicano, actuando no espírito daquela centúria de mancebos decididos, para a vida e para a morte, ao lado de Floriano Peixoto.” (Revista Evolução, Nº3, Ano 1).

O modelo de educação vivenciado pelo diretor, Tenente Alfredo Dantas Correia de Góes, pautado na “firmeza, lealdade, decisão, pontualidade” vai ser vivenciado pelo mesmo nas práticas educacionais implantadas no Instituto Pedagógico Campinense, reafirmando a necessidade de investimentos no corpo familiar, principalmente, na disciplinarização de crianças e jovens, para adaptá-las aos discursos cívicos, patrióticos, militaristas e pedagógicos.

Assim, o instituto oferecia disciplinas que atentavam para o desempenho de pequenas tarefas voltadas para o trabalho, direcionadas para que o jovem desde cedo realizasse atividades que se destinassem ao treinamento físico e intelectual. O investimento na Educação Física, denominada na época de “Ginastica”, para os estudantes do Instituto Pedagógico Campinense, promoveu inserção de novas práticas voltadas para a construção de bons modos, de condutas adequadas para a vida em sociedade, disciplinando os sentidos, as sensações, os gestos, a sexualidade.

As alunas da escola Normal do Instituto Pedagógico Campinense realizavam os exercícios de “ginastica” ao ar livre, distantes dos demais alunos da escola sendo supervisionadas pelo sargento Moises Araújo que aparece na imagem abaixo uniformizado atento a todos os gestos das alunas:



Revista Evolução – Numero 01, setembro de 1931, pág. 21.

A imagem das alunas, com suas uniformes padronizadas, realizando exercícios de forma sincronizada, ordenada, respeitando o espaçamento e a ordem remete ao modelo educacional defendido por seus militares-professores direcionado para disciplinar os corpos, rompendo com os antigos valores e costumes buscando alcançar a educação. Essa nova forma

de convívio interfere no cotidiano da população através de práticas, como o investimento no corpo familiar, principalmente, na disciplinarização de crianças e jovens, para adaptá-las aos discursos cívicos, patrióticos, militaristas e pedagógicos da época.

Portanto, as mudanças que estavam ocorrendo na cidade no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX demonstram um movimento direcionado para disciplinar não apenas as relações pessoais, comerciais e sociais, mas também os espaços educacionais. Buscava-se atender um discurso que disciplinar para o corpo, a mente e as emoções dos campinenses, tendo em vista tornar o homem adaptado à sociedade moderna.

Os discursos eram subjetivados para a construção da identidade do sujeito ideal, educado, disciplinado, militarizado, que cumpre horários, realiza as atividades escolares propostas, participa dos rituais cívicos, não questiona o governo, os diretores, os professores, os supervisores, os orientadores e os demais integrantes da escola com o objetivo de educar o homem de forma a normalizá-lo, ou seja, “eleger arbitrariamente uma identidade específica como parâmetro em relação a qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas.” (SILVA, 2000, p. 83) Nesse processo de construção identitário as características positivas são apresentadas enquanto identidades desejáveis e as demais de forma negativa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Elpídio de. História de Campina Grande, Livraria Pedrosa, 1962.
- ALMEIDA, Horácio de. Brejo de Areia – Memórias de um Município. 2ª. ed. João Pessoa, Editora Universitária/UFPB. 1980.
- ALMEIDA, José Américo de. A Paraíba e seus Problemas. 3. ed., Revista. João Pessoa – PB. A UNIÃO, 1980.
- ANDRADE, Vivian Galdino de. A compreensão de uma ‘modernidade pedagógica’ através do Instituto Pedagógico Campinense (1919-1950). In: IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL. 2012, Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa — Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5.
- BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Culturas escolares, saberes e práticas educacionais: itinerários históricos. São Paulo: Cortez Editora, 2007
- BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. *Culturas escolares, saberes e práticas educacionais: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez Editora, 2007
- CÂMARA, Epaminondas. Datas Campinenses. Departamento de Publicidade – Academia Paraibana de Letras. João Pessoa – PB, 1947.
- CAMPOS, Aluísio Afonso. Um Contemporâneo do Futuro. Brasília: Senado Federal. Centro gráfico, 1990.

- DE CERTEAU, M. *A escrita da história*. 2 ed., Rio de Janeiro: Forense, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de fazer. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- DINOÁ, Ronaldo Memórias de Campina Grande. Vols. I e II. João Pessoa – Pb: União. S/D.
- FONSECA, Selva Guimarães. *Caminhos da História Ensinada*. 4ª ed. Campinas: Papyrus, 1993 (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- GAUDÊNCIO, Bruno Rafael de Albuquerque. IMAGENS LITERÁRIAS DA EDUCAÇÃO EM CAMPINA GRANDE (1907-1957). In: Revista Eletrônica Publicada pela EDUEP - UEPB. V. 02, Nº 01, 2008. <http://eduep.uepb.edu.br/alpharrabios/v2-n1/v2n1.html> acesso. In 14/03/2011.
- JOFFILY, Irenêo. Notas Sobre a Paraíba. Fac-simile da 1ª edição Publicada no Rio de Janeiro em 1892 – Apresentação e Observações de Geraldo Irenêo Josilly. Thesourus Editora. Brasília – 1977.
- JOFILLY, José. Entre a Monarquia e República – Idéias e Lutas de Irenêo Joffily. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos editora. 1982.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana*. 2 ed., Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- LEAL, wills. O Discurso Cinematográfico dos Paraibanos ( ou a história do Cinema
- LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado. Belo Horizonte: autêntica. 1999
- \_\_\_\_\_. Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- MORAIS, Antônio Pereira. Vi, Ouvi e Senti – Crônicas da vida Campinense e Outras Narrativas. Campina Grande, 1985.
- NASCIMENTO, Regina Coelli Gomes. Disciplina e espaços: construindo a modernidade em Campina Grande no início do século XX. Recife, 1997. Dissertação de Mestrado em História apresentado ao PPGH da UFPE.
- PIMENTEL, Cristino. Abrindo o Livro do passado – Campina Grande. Editora Teone, 1957.
- PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolaresna Paraíba. Campinas, SP: Autores Associados, São Paulo: Universidade. São Francisco, 2002.(Coleção educação contemporânea).
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autentica, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica 2001.
- \_\_\_\_\_.(org.) *Identidade e diferença – A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: vozes: 2000
- SILVA, Vívica de Melo. Grupo escolar Sólon de Lucena: um novo modelo de escolarização primária para a cidade de Campina Grande-Pb(1924-1937).João Pessoa, 2009. 140f. :il. Orientador: WojciechAndrzejKulesza.Dissertação (Mestrado) – UFPB - CE
- VINÃO FRAGO. Antônio; ESCOLAN Augustín. Currículo. Espaço e subjetividade: a arquitetura como programa. 2. ed., Rio de Janeiro: DP&A. 2001. 152 p. (tradução Alfredo Veiga-Neto). 151 páginas.